

CRUZAMENTO DE OLHARES FRANÇA/BRASIL NA CRÍTICA LITERÁRIA DO SÉCULO XIX

Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF)

Todos somos unânimes em concordar com a afirmação de que o crítico é um leitor. Mas um leitor diferente, porque lê e interpreta para outros leitores. A sua escrita é sempre marcada por dois componentes, o primeiro dos quais seria a questão da subjetividade, na medida em que as pulsões do desejo e a ideologia interferem no seu trabalho de várias maneiras, inclusive na própria escrita, no modo pelo qual ele realiza o seu trabalho. Ou seja, mesmo que busque a frieza objetiva, ele nunca conseguirá contrariar a própria individualidade ao transmitir a sua visão de uma obra literária. Além disto, no ato de interpretação, o crítico, por assim dizer, decodifica o texto, estabelecendo relações entre este e o momento em que foi concebido, enfim, situando-o no seu contexto socio-histórico e percebendo a interação entre a literatura e o sistema vigente na sua época.

Por outro lado, o seu trabalho poderia ser confundido com o do autor de ficção, já que a crítica existe basicamente através da escrita: para que um texto teórico seja ‘entendido’ é preciso que o discurso seja ‘trabalhado’. Ou seja, a maneira de expor, de dizer, enfim, a ‘forma’ intervém de modo decisivo na relação do crítico com o seu público. É através de artifícios literários que ele procura levar o leitor a ver a obra da mesma maneira que ele a interpretou, passando-lhe a sua ideologia. A diferença entre crítica e ficção estaria, então, ligada à necessidade de todo um aparato documental para o ‘discurso sério’, enquanto a ficção trabalharia com a indeterminação, criando a necessidade de uma interpretação. Ora, como o intérprete é sempre um mediador entre o texto complexo e o leitor, esta interpretação seria, assim, sempre uma violência, na medida em que adapta o texto a uma certa realidade.

Como estamos vendo, não se pode descartar do lugar do intérprete uma projeção do ideológico. E todo o questionamento sobre o lugar da crítica seria uma impostura, se não provocasse também o questionamento do lugar social ocupado pelo crítico. O lugar da crítica como, aliás, o de qualquer disciplina, estaria, simplesmente, na determinação do limite do que ela diz, ou das ideias que ela passa. Assim, trabalhando com temas e linhas de interesse provocados pela sua interação com a

sociedade - o poder constituído e as filosofias que regem esse sistema - colocada entre duas fronteiras (por um lado, o crítico contribui para o conhecimento das leis a que a sociedade se submete; por outro, ele nunca é ideologicamente neutro), a escrita da crítica é impura, constituída pela alternância constante entre narrativização (portanto, próxima da ficção) e exame lógico dos seus dados (portanto, próxima da ciência) e vice-versa.

Ora, para compreendermos essas relações no Brasil é importante estudarmos como tudo começou. E, para isto, nada mais óbvio do que abordarmos o século XIX, quando tem início, propriamente, em nosso país, a consciência da luta pela formação de uma realidade nacional. A crítica literária está empenhada nesse projeto de construção nacional, trabalhando de várias maneiras para descobrir o que é "ser brasileiro" e, assim, poder detectar essa 'brasilidade' nas obras estudadas, bem como conscientizar o público da sua existência. Nesse processo, as ideologias da época participam intensamente, influenciando diretamente na crítica literária. Tentar estudar essas interações é tentar também estudar a formação do pensamento teórico no Brasil.

Embora nosso trabalho possa ser chamado de "pretensioso" (no sentido de pretender abordar todo esse processo), sabemos que precisaríamos de fôlego e de tempo para podermos dar conta de tudo isso. E que muito falta ainda por fazer para que possamos entender o Brasil hoje e há um século. Na verdade, esse trabalho é só um esboço, uma tentativa de estudar a questão das ideologias que formaram a crítica literária no país; que, por sua vez, pretendia também formar os seus leitores; que, por sua vez, deveriam formar a nação...

Para tanto, tentamos fazer uma leitura das correntes europeias mais em voga no século XIX, constatando que elas quase sempre nos vêm da ou pela França. Misturando-se, essas ideias adquirem do lado de cá do Atlântico um estilo próprio, diferente em cada crítico que as adota. Empenhados na construção do país, acabam caindo num impasse, já que a crítica não consegue atingir um público significativo; assim, refletindo sobre o sistema vigente, os teóricos e ensaístas percebem a impossibilidade em que se encontram de atuar na sociedade. Essa 'alienação' a que o sistema os submete desencadeia uma outra prática, a da polêmica, composta de exercícios de retórica a que passa a se dedicar a intelectualidade do momento, frustrada por não poder participar ativamente da história do país. Tudo passa a ser motivo de querela, de disputa, consistindo muitas vezes em simples jogos de palavras no vazio, em que o que conta é o discurso e não as ideias que ele passa.

Surge, então, um escritor - Machado de Assis - que desencadeia uma grande polêmica em torno do seu nome. Atacado e defendido pelos maiores nomes do pensamento crítico da sua época, ele também teoriza e, em 1873, já questiona o critério de nacionalidade. Como romancista, no início da década seguinte, ele faz a crítica da sociedade, do sistema político vigente, das ideias francesas importadas e tão em moda, bem como da própria narrativa, transformando tudo isso em mecanismo de elaboração de seus romances. Ou seja, parte para um outro tipo de crítica, desta vez dentro da própria ficção. O que quereria isto dizer? Poderíamos afirmar que a auto-reflexão é uma característica da literatura moderna? Neste caso, a crítica de cunho interpretativo perderia a sua função?

Considerando o pensamento elaborado na Europa desde o século XVIII, bem como a sua recepção no Brasil, pudemos perceber que as ideias que aqui chegam são ‘assimiladas’ e ‘aplicadas’, sem nenhuma reflexão, à nossa realidade. E isto, muitas vezes, com nefastas consequências. É o que acontece em todos os domínios do saber e se evidencia na crítica literária, nosso campo de interesse maior. Assim, engajados no projeto de construção nacional, nossos críticos não se dão conta de que o essencial seria a formação de um pensamento próprio, a elaboração de ideias ‘nossas’, condizentes com a realidade brasileira. Perdidos no meio de ideias ‘mal digeridas’ e ‘mal importadas’, sem o respaldo do público leitor, eles acabam se desviando do objetivo inicial e se envolvendo em polêmicas vazias de qualquer sentido.

Era deste modo que atuava a intelectualidade brasileira do final do século XIX, contra a qual se rebela Machado de Assis. Concordando no início da sua carreira com esse tipo de postura, o escritor vai crescendo e evoluindo com a sua obra até o momento em que, ao produzir as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sua ficção torna-se corrosiva e questionadora do próprio sistema que a formara. Ou seja, de dentro da literatura, Machado de Assis se propõe criticar a própria visão da literatura, bem como a sociedade em que esta é produzida.

Teria Machado pressentido a inutilidade da polêmica pela polêmica, em que se debatiam os seus pares? Seria esta uma das razões do seu tão decantado ‘pessimismo’? Teria ele tentado encontrar uma outra solução, uma maneira original de fazer crítica? Se isto era verdade no século XIX, o que teria acontecido com a crítica literária atual? Teria mudado alguma coisa?

Na verdade, as ideias ‘da moda’ na Europa e na América do Norte continuam sendo ‘aplicadas’ nos meios universitários e na crítica literária brasileira sem nenhuma

reflexão que se baseie na realidade nacional. Em termos ‘pedagógicos’, continua-se passando adiante teorias mal digeridas, transformando-se o estudo da literatura em meros jogos de palavras, que escondem o vazio do pensamento. E isto é tanto mais grave quanto a distância entre críticos e público vai se tornando cada vez maior. Assim, temos, de um lado, estudiosos que se propõem pesquisar as novas ideologias em formação no Primeiro Mundo e, do outro, alunos e público em geral cada vez menos capazes de ler, devido à própria incompetência do sistema. E é a este público, muitas vezes com dificuldades de leitura intransponíveis, que são oferecidas teorias elaboradas em outro contexto e muitas vezes não compreendidas por quem se dispõe a ensiná-las. Assim, sem possibilidade de uma verdadeira interação, os chamados ‘teóricos’ refugiam-se nos meios universitários, falando para alunos e leitores cada vez mais distantes.

Quanto à solução machadiana, de tentar criticar ‘de dentro’ da própria ficção, formando um novo leitor a partir da compreensão da sua obra, permanece uma tentativa quase isolada na literatura brasileira do século XIX. E, o que é mais grave, nem mesmo entendida pelo público de hoje. Porque Machado, que volta a ser ‘redescoberto’ atualmente, continua a ser enaltecido pelo que ele não é principalmente: pelo seu estilo, pelos seus personagens, ou, na melhor das hipóteses, pela sua técnica narrativa. O crítico feroz da sociedade do seu tempo, das ideologias dominantes na sua época, da importação de ideias sem um pensamento nacional que as adapte adequadamente, continua restrito aos cinco leitores que ele espera encontrar para as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ou seja, aos poucos que percebem a sua *escrita em palimpsesto* pela qual, na sua obra da chamada ‘segunda fase’, há um texto ‘segundo’, aparentemente inofensivo, capaz de agradar ao público da época pelo casticismo da linguagem e pela intriga, mas que esconde, sob ele, um texto ‘primeiro’ muito mais perigoso. Consciente de que no Brasil do século XIX há muito pouco espaço para um trabalho intelectual na crítica literária, Machado desiste de tentar atuar junto aos seus pares e, através da literatura, ‘cutuca’ o leitor, com o intuito de ‘transformá-lo’.

Um dos primeiros a propor essa literatura crítica no Brasil, Machado estabelece, assim, novas alternativas para as relações entre o pensamento e a ficção. A partir dele, a literatura brasileira se abre para a crítica no interior dela mesma, o que nos leva a indagar do papel que passa a representar, então, a crítica literária. Desligado da realidade nacional, sempre com os olhos no primeiro mundo para saber das últimas novidades, o crítico se afasta cada vez mais do seu público, a exemplo do que vemos

nas universidades, em que a distância entre as pesquisas dos professores e o pouco saber dos alunos torna-se cada dia maior.

É lógico que não estamos pregando, aqui, uma posição chauvinista, que consistiria em recusarmos tudo o que viesse da Europa ou dos Estados Unidos. É óbvio que é importantíssimo sabermos o que se passa nos grandes centros de produção intelectual. O que questionamos é a necessidade de se legitimar o pensamento nacional pautando-o pelo que se faz em Paris ou Nova York, rejeitando-se a reflexão que porventura esteja acontecendo aqui. Em outros termos, nas palavras de Luiz Costa Lima:

Basta que um nome seja mais divulgado pelas agências internacionais e pelas revistas, normalmente de divulgação, para que inevitavelmente recebamos o convite para dar uma palestra ou um curso sobre o novo pensamento. Mas, se porventura algum de nós estiver fazendo alguma pesquisa, se a sua produção apresentar aspectos que ainda não tenham copyright, poderá estar certo de que não será incomodado. Quando esta infelicidade sucede, o investidor deve-se encher de paciência e esperar que seu trabalho interesse a algum colega ou editor metropolitano. Ou seja, nosso estatuto colonial é mantido mesmo pela ação daqueles que politicamente agem contra ele (COSTA LIMA: 1981, p. 25).

Na verdade, pouco muda a partir de Machado, a não ser a possibilidade da literatura se tornar cada vez mais crítica, arma poderosa nas mãos de quem saiba manejá-la. Quanto à crítica, esta ainda busca o seu lugar, perdida entre a dificuldade de ‘tocar’ o público e a necessidade de buscar padrões no primeiro mundo para ser legitimada aqui. Estaríamos nós, agora, precisando de outros *bruxos*, capazes de continuar essa reflexão sobre as relações entre a ficção e a crítica literária no Brasil? Ou bastaria um trabalho de conscientização, nos meios acadêmicos, da necessidade urgente dessa reflexão crítica? Mas isto já seria matéria para um próximo trabalho...

Referências:

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria: *Obra completa*, Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1971, 3vols.
_____: *Crítica Literária*, W. M. Jackson Inc. Ed. Rio/São Paulo/Porto Alegre, 1944.

- BARBOSA, João Alexandre: *A Tradição do Impasse*, São Paulo, Ed. Ática, 1974.
- CANDIDO, Antonio: *Formação da literatura brasileira*, São Paulo, s. d., Livraria Martins Editora, 2 vols., 2ª edição.
- CHACON, Vamireh: *História das Idéias Socialistas no Brasil*, Fortaleza/Rio, Civilização Brasileira, 1981.
- CHAVES DE MELLO, Maria Elizabeth & Rouanet, Maria Helena: *A Difícil Comunicação Literária*, Rio de Janeiro, Rio, 1987.
- COSTA LIMA, Luiz: *Dispersa Demanda*, Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S.A., 1981.
- COUTINHO, Afrânio (org): *Caminhos do pensamento crítico*, Rio de Janeiro, Pallas S.A., 1972.
- DUCHET, Michèle: *Anthropologie et histoire au siècle des lumières*, Paris, François Maspéro, 1971.
- ELIAS, Norbert: *La Société des Individus*, Paris, Fayard, 1987.
- LABIENO: *Vindiciae: O sr. Sylvio Romero, Crítico e Philosopho*, Rio de Janeiro, Livraria Cruz Coutinho, 1898.
- LINS, Ivan: *O Positivismo no Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1926.
- MACEDO SOARES, A.J.: “Da crítica brasileira” in *Caminhos do pensamento crítico*, Rio, Pallas S.A., 1972.
- ROMERO, Sílvio: “A literatura brasileira e a crítica moderna” in CANDIDO, Antonio (org.), *Sílvio Romero, Teoria, Crítica e História Literária*, São Paulo, EDUSP, 1978.
- _____ : “Estudos da literatura contemporânea” in CANDIDO,
- ROUANET, Maria Helena: *Eternamente em berço esplêndido*, São Paulo, Siciliano, 1991.
- TADIÉ, Jean-Yves: *Introduction à la vie littéraire du XIXe. siècle*, Paris, Bordas, 1970

TAINÉ, Hippolyte Adolphe: *Histoire de la littérature anglaise*, Paris, Hachette, 1905, 5 vols.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo: *Florilégio da Poesia Brasileira*, Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira, Coleção Afrânio Peixoto, 1946.

VENTURA, Roberto: *Estilo Tropical*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José: *Estudos de Literatura Brasileira*, São Paulo, Editora Itatiaia Ltda., 1979, 7 vols.

RESUMO

Para compreendermos o sistema literário no Brasil é importante estudarmos como tudo se originou. E, para isto, nada mais óbvio do que começarmos pelo século XIX, quando tem início, propriamente, em nosso país, a consciência da luta pela formação de uma realidade nacional. A literatura está empenhada nesse projeto de construção nacional, trabalhando de várias maneiras para descobrir o que é "ser brasileiro" e, assim, poder detectar essa 'brasildade' nas obras estudadas, bem como conscientizar o público da sua existência. Nesse processo, as ideias da época participam intensamente, influenciando diretamente na crítica literária. Tentar estudar essas interações é tentar também estudar a formação do pensamento teórico no Brasil.

Misturando-se, essas ideias adquirem do lado de cá do Atlântico um estilo próprio, diferente em cada escritor que as adota. Empenhados inicialmente na construção do país, acabam caindo num impasse, já que a literatura não consegue atingir um público significativo, até os dias de hoje; assim, refletindo sobre o sistema vigente, os teóricos e ensaístas se ressentem da impossibilidade em que se encontram de atuar na sociedade. Essa 'alienação' a que o sistema os submete desencadeia uma outra prática, composta de exercícios de retórica a que passa a se dedicar a intelectualidade, frustrada por não poder participar ativamente da história do país. Tudo passa a ser motivo de querela, de disputa, consistindo muitas vezes em simples jogos de palavras no vazio, em que o que conta é o discurso e não as ideias que ele passa.

Palavras-chave: crítica literária; século XIX no Brasil; cruzamento de olhares